

BESTSELLER INTERNACIONAL DO NEW YORK TIMES  
AUTORA DE A BIBLIOTECA DE PARIS

Janet Skeslien Charles

# AS BIBLIOTECÁRIAS DE PICARDIE



SUMA  
de Letras

«Não me sai da cabeça a imagem daquelas aldeias.  
A bravura das pessoas e a coragem com que regressam  
para começar no meio das ruínas...  
Sabia que a Condessa d'Evry vive numa charrete numa ala  
do seu estábulo, de modo a poder ajudar os soldados  
a limpar os jardins do seu povo, para que estes possam  
regressar às suas terras? Entretanto, o seu castelo encontra-se  
em ruínas, na colina.»

«As necessidades são prementes.»

Uma carta de Anne Morgan para a mãe



## PRÓLOGO

É possível aprender muito sobre uma vida olhando para o roupeiro de alguém. Estou diante do meu, a ponderar que roupa usar esta noite, e passo os dedos por camisolas e calças justas, restos de uma longa carreira. Amontoadas ao seu lado, encontram-se relíquias de uma vida passada: o chapéu de bruxa e a túnica comprida que os alunos me pediam para usar no *Halloween*; um vestido de noiva que não chegou a ir ao altar; e o uniforme do Comité Americano para as Regiões Devastadas — azul-celeste, da cor que o exército francês usava. Não posso deixar de tocar na bainha da saia. Setenta anos, e a mistura de lã, quente e leve, ainda encarna a qualidade pela qual Paris é famosa. As histórias que este pedaço de pano poderia contar... a tessitura da vida durante a Grande Guerra. Testemunhou amor e ódio, sacrifício e mesquinhez, saudade e esperança, desespero e coragem. Coragem, sempre.

Os meus dedos percorrem a manga até à mancha cor de ferrugem no punho. Por mais que a lavássemos — com água gasificada, embebida em iodo, esfregada com sabão de Marselha —, o sangue teimava em não sair. Não importa. O tecido é quase escuro o bastante para a esconder, e a descoloração poderá ser atribuída a um salpico de *bouillabaisse* ou *ratatouille*. Pego no uniforme pelos ombros e retiro-o do cabide, permitindo-me cingir o casaco como a uma mulher que pudesse abraçar. Algo me pica o peito. Na lapela há uma medalha pendurada numa fita azul

e branca. Apesar de a prata já estar manchada, consigo distinguir o grifo, o símbolo das *cards*. No verso está gravado: «Faz o bem e não temas ninguém.»

Será que o uniforme ainda me serve? Só há uma maneira de o saber. Sim, o casaco fica elegante, por cima da blusa. Ganhando coragem, dispo as calças, mas descubro que a saia me está apertada na cintura. Demasiado *cheesecake*. Ainda assim, parece-me bem, como se o uniforme quisesse ser usado. O toque final é o lenço, com o tecido gasto pelo tempo. Enfio-o no bolso.

Olho para o relógio de pulso. Quase sete da tarde. A decisão sobre o que vestir está tomada — se não for agora, chegarei atrasada.

Saio do apartamento e subo apressadamente a Quinta Avenida até à Biblioteca Pública de Nova Iorque. De ombros erguidos, subo os degraus como fiz milhares de vezes antes. Quando cheguei a Manhattan, esta era a minha escola, a minha vida social, a minha casa.

Percorro com as pontas dos dedos as marcas de arranhões ao longo das paredes do corredor. Há quem veja neles imperfeições, mas eu lembro-me de caixotes a serem entregues, de um carrinho de livros, desgovernado, a cair pelas escadas abaixo e de aprendizes como eu a sujarem acidentalmente a superfície branca com borrões de tinta escura que se agarravam à nossa pele como perfume.

O passado comprime-me, as memórias enchem o ar. Agarro o lenço com força e sei que, finalmente, chegou a hora.

# CAPÍTULO 1

## JESSIE CARSON

*Norte de França, janeiro de 1918*  
*A sessenta e cinco quilómetros da frente*

A acanhada estrada de terra batida estava cheia de marcas de bombardeamentos. Ao volante, a Lewis avançava por entre estilhaços de bombas, contornando os buracos. Ao seu lado, eu agarrava-me com força à porta. Quando o *Ford* embateu num sulco, a minha cabeça foi projetada para trás. Estremeci, não só de dor, mas também da desolação dos campos cobertos de arame farpado.

A destruição estendia-se até ao horizonte. Não havia uma única alma, um único caule de erva, e a paisagem campestre misturava-se com as nuvens cinzentas, formando um terreno sem cor e sem esperança. Os habitantes tinham fugido ou sido feitos prisioneiros. O exército alemão destruíra casas e escolas, igrejas e hospitais, bibliotecas e vidas. Nas quintas, bombardeavam as searas de trigo que lhes faziam frente. Nos pomares, atacavam as macieiras inocentes à machadada. Os ramos jaziam no chão, as suas folhas secas a sussurrar ao vento.

No posto de controlo que nos permitiria entrar na zona de guerra, abrandámos até pararmos atrás de cinco camiões militares. A Lewis desligou o motor e acendeu um cigarro, o que significava que iríamos ficar ali durante algum tempo. Puxei a gola do casaco de lã para mais perto do pescoço, sentindo o frio húmido a aproximar-se. Enquanto a Lewis examinava os documentos — passaportes, documentos de trabalho e autorizações carimbadas a tinta azul, eu olhava para os flocos de gelo que se agarravam ao

canto do para-brisas e descobria um caleidoscópio de desenhos. Asas de borboleta azul-claras. Uma luva de criança. Sim, o meu pai tinha razão: mesmo nos lugares mais sombrios, a beleza abundava, bastava sabermos observar.

— Que energúmeno! — exclamou a Lewis apontando para um polícia militar francês que parecia escrutinar cada sílaba da papelada de um camionista. — A este ritmo, nunca iremos conseguir passar.

Enquanto esperávamos, as cenas da minha viagem passavam-me pela cabeça, agitando-se como páginas de um livro levado pelo vento. A travessia do oceano, na qual a minha companheira de cabina, uma voluntária da Cruz Vermelha, usara o seu colete salva-vidas nas três semanas de duração da viagem. Apesar de recear que o nosso navio fosse torpedeado como o *Lusitania*, embarcara na mesma. Que coragem! À chegada a Bordéus, eu e os meus companheiros a bordo provámos o verdadeiro vinho francês e vislumbrámos anjos e gárgulas na arquitetura. A caminho de Paris, o nosso *Peugeot* passou por fileiras de choupos que sombreavam a estrada. Na capital, a Lewis ajudou-me a obter autorizações para entrar na zona de guerra. Ficámos horas na fila da esquadra da polícia para receber um papel carimbado, antes de corrermos pela calçada até ao Ministério da Guerra, para voltarmos a esperar na fila. Uma corrida de obstáculos de setenta e duas horas em língua estrangeira. Encontrava-me em França havia dez dias, o tempo suficiente para me maravilhar com dois elementos — a arquitetura imponente e a administração entorpecedora.

Finalmente, o camião à nossa frente, que transportava caixas de couves ao lado de barris de pólvora, avançou. Era a nossa vez. Ao examinar os papéis, o controlador franziu o sobrolho.

Vendo-me a contorcer nervosamente o lenço, a Lewis disse:

— Não te preocupes.

O controlador apontou para uma linha no fundo de um documento. A Lewis virou a página e assinalou o rabisco do presidente da Câmara.

— Fizemos o que nos competia. Agora, faça a sua parte e deixe-nos passar.

Ele apontou para mim.

— Mas diz aqui que ela é uma bib...

— Estamos com a Brigada da menina Morgan — informou-o a Lewis num tom duro, do tipo «estou a chegar ao limite da minha paciência».

Ele ficou de boca aberta.

— *Merci*. — E fez-nos sinal para passarmos.

Perguntei porque nos agradecera. A Lewis respondeu que os esforços de Anne Morgan eram conhecidos por aquelas bandas. E não apenas ali. A menina Morgan fora o motivo da minha vinda. Ela tinha contratado um fotógrafo e um realizador para registarem os estragos da guerra. No meu país, num cinema ao virar da esquina da Biblioteca Pública de Nova Iorque, o público ficou boquiaberto com as imagens de um casal de camponeses magros, de cabelos brancos, vestidos de preto da cabeça aos pés. Os seus rostos crestados indicavam que haviam trabalhado toda a vida sob um sol implacável. Os alemães tinham-lhes abatido a cabra e o cavalo, incendiado as sementes e reduzido a casa da quinta a escombros. De braços cruzados, o casal permaneceu em frente ao celeiro bombardeado, fantasmas sem nada para assombrar. Depois do visionamento, foi-me impossível simplesmente ficar em casa a rezar.

Eu e a Lewis deveríamos prosseguir de automóvel diretamente de Paris para a sede do CARD, na aldeia de Blérancourt, onde eu me apresentaria ao serviço como a mais recente recruta do Comité Americano para as Regiões Devastadas, *Le Comité américain pour les régions dévastées* (CARD). Passámos pelo que fora uma aldeia — casas de campo esventradas, com as portadas queimadas. Na periferia, uma sepultura à beira da estrada — na cabeceira, um capacete pousado numa cruz e, na base, uma baioneta ferrugenta. Passámos tão devagar que tive tempo de ler «Soldado desconhecido, agosto de 1914».

A cena, tão desolada, emocionou-me.

— Lewis — pedi —, encosta, por favor.

No CARD, tratávamo-nos pelos apelidos. Quando ouvi pela primeira vez que alguém chamado Lewis ia ser o meu motorista, imaginei um careca com um monóculo, não uma divertida rapariga morena de Vassar. Estávamos ambas de uniforme, casaco e saia azul-celestes.

A Lewis rodou o volante largo e manobrou para além dos destroços até chegar a uma zona livre, na berma da estrada. Diante da campa improvisada, baixámos a cabeça. Em Nova Iorque, os vendedores ambulantes gritavam até ficarem roucos; os cavalos relinchavam enquanto desciam a Quinta Avenida, com as carroças carregadas de leite a gemer sob o peso das natas; os pombos gordos arrulhavam a linguagem condicional do amor; de vez em quando, um corvo solitário grasnava. Ali, havia apenas um silêncio sinistro.

Perras das horas metidas dentro do *Ford*, eu e a Lewis caminhámos em direção a uma fiada de casas que haviam sido reduzidas a montes de pedras que mal me chegavam à cintura. No jardim havia ruínas de coelheiras, com a madeira desfeita e torcida. Granadas de mão e cartuchos por explodir jaziam no solo. No interior, onde antes existia uma sala de jantar, via-se uma mesa e cadeiras estilhaçadas, e um berço cuja renda estava rasgada e suja de terra.

Mal podia acreditar que estava finalmente ali, no meio daquela loucura muda e desolada. Lembrei-me da resposta da minha chefe quando soube que me alistara:

— Mas que diabo vai fazer um bibliotecário no meio de uma zona de guerra?

— Tudo o que puder para ajudar.

— E como conseguirá chegar à Europa? — perguntou ela com um sorriso irónico.

Ambas sabíamos que a travessia do oceano custava mais do que eu ganhava num ano.

Lembrei-me da imensa satisfação ao revelar que a menina Morgan me tinha pago a passagem. Ou melhor, a brigada da menina Morgan. Por uma vez, a minha chefe, Winnifred Smythe — a estrela mais brilhante e mais antiga da constelação da secção infantil da Biblioteca Pública de Nova Iorque — ficou sem palavras.

Nunca apreciei tanto o silêncio.

— Como é que ela a conhece, sequer? — perguntou por fim. — A menina não é ninguém.

Era pouco provável que uma bibliotecária e a herdeira da maior fortuna bancária dos Estados Unidos se cruzassem. Respondi-lhe que talvez a menina Morgan tivesse ouvido falar dos meus esforços em prol da Liga Nacional para o Serviço Feminino, fundada para que pudéssemos contribuir para o esforço de guerra. Naturalmente, a menina Morgan era tesoureira. Enquanto uma das duzentas e cinquenta mil voluntárias, eu dirigia a unidade de negócios. Segundo a secretária do diretor da Biblioteca Pública de Nova Iorque, a menina Morgan requisitara-me pelo nome.

— Porque haveria ela de a querer a si? — murmurou a minha chefe. — Porquê a menina e não eu?

A minha mãe defendia que a passagem «buscai e encontrais», de Mateus 7:7, se referia à leitura, que a maioria das respostas pode ser encontrada nos livros. Lembrei-me do manifesto da Liga de 1917: «Decidido, que esta Liga Nacional para o Serviço Feminino será a consagração do Poder da Mulher; que será mantida livre do egoísmo e da política...»

Sem egoísmo nem política. Foi por isso.

Eu e a Lewis deambulámos pela rua de empedrado. Em frente a um poço, ela parou para pegar numa boneca de pano suja de fuligem.

— Já fiz esta viagem dez vezes. — Limpou-lhe a cara. — Mas nunca me habituei a estes restos de famílias expulsas de suas casas.

Passámos por vestígios do passado. No que costumava ser uma casa de campo, um armário de curiosidades destruído,

um divã encharcado. No que costumava ser um quintal, Lewis pousou a boneca numa cadeira cujas pernas haviam sido cortadas. Nos arredores, passei pelo solo macio das terras agrícolas. Nenhuma flor selvagem rebelde se sentia tentada a criar raízes ali. Nenhum rato do campo se esgueirava ao som dos meus passos. Nenhum pardal nos saudava com chilreios desconfiados. Voltariam, os pássaros?

A paisagem fez-me lembrar a descrição que Willa Cather fizera das Grandes Planícies. De repente, reservei este troço para a biblioteca da minha mente. Tinha dois andares, com uma escada amovível para aceder aos volumes na prateleira de cima. Com as suas almofadas e o edredão felpudo, o assento da janela acenava-me, e muitas vezes enroscava-me com um livro e olhava para o jardim secreto, luxuriante de rosas e alfavaca. Agora, atravessava rapidamente o soalho rangente para ir buscar *Minha Antonia*. «Quería ir directamente para a relva vermelha e para o outro lado do mundo, que não podia estar muito longe.»

— Carson! — ouvi a Lewis gritar.

Regressei da minha aconchegante biblioteca para o presente, onde conseguira vaguear até ao meio de um campo lamacento.

— Está cheio de minas terrestres — disse ela. — Vê exactamente onde pisaste e caminha na minha direcção. Devagarinho.

Virei a cabeça. O caminho castanho-acinzentado estendia-se diante de mim, uma eternidade entre mim e a Lewis. Procurei os meus rastros — o que era um sulco e onde estaria a curva do meu calcanhar? Todo o meu corpo tremia, em parte por causa do frio, mas sobretudo porque nunca tivera tanto medo. No meu primeiro dia na zona de guerra, fizera o que a minha chefe previra — metera-me em sarilhos. Na verdade, ela antecipara que eu acabaria por morrer. Lamentava que eu vivesse na minha cabeça e não no mundo real. Estava contra a minha vinda para cá. Estava contra mim, ponto final. No entanto, eu haveria de provar que ela estava enganada.

Olhei para a lama irregular — aquela poça já estava ali ou fora o ponto que eu havia pisado? O meu coração batia com toda a força. Estava gelada, mas o suor escorria-me da testa. Limpei-a com o lenço do meu pai e dei o primeiro passo. Não queria morrer. Não queria que a minha chefe tivesse razão. Direita, esquerda. Direita, esquerda.

No carro, todo o meu corpo latejava de pânico, e mal conseguia recuperar o fôlego. Esperei que a Lewis me recriminasse, mas tudo o que ela disse foi:

— Que salgadeira! — A palavra significava «trapalhada», mas estaria ela a referir-se à situação ou a mim?

Afundi-me no banco do passageiro. Em vez de atirar com a porta como eu merecia, a Lewis fechou-a suavemente e disse:

— Pobrezinha, estás pálida como a neve. — O cobertor da sua preocupação aqueceu-me, e o medo finalmente passou.

Enquanto manobrava o carro em direção à estrada, a Lewis explicou que havíamos chegado à Zona Vermelha, onde os soldados alemães tinham semeado explosivos da mesma forma que era costume plantar batatas. Para nossa própria segurança, haviam-nos ordenado que nos dirigíssemos imediatamente para o edifício-sede. Lembrei-me da descrição do relatório do CARD: «Completamente devastada. Danos nas propriedades: cem por cento. Danos na agricultura: cem por cento. Impossível de limpar. Vida humana impossível.»

Até agora, a Lewis limitara-se a tagarelar, dividindo o olhar entre mim e a estrada. Fizera vinte e cinco anos na quinta-feira passada, o que a tornava quinze anos mais nova que eu. Lembrei-me das perguntas constantes que vinham com esta idade delicada. *Tens namorado? O que é que ele faz na vida? Já te pediu em casamento? Quantos filhos quer ter?* Era um alívio o facto de as perguntas terem praticamente cessado, embora a minha mãe de vez em quando sussurrasse um «Ainda há tempo».

— As raparigas conseguiram arranjar champanhe — contou-me Lewis. — A minha festa de aniversário foi uma patuscada!

Nós, as *cards*, trabalhamos como doidas, mas também sabemos divertir-nos. Vais ver. — Estava ali havia seis meses e era responsável pela manutenção dos veículos. Na América tinha o seu próprio carro e motorista, aqui reparava pneus furados, consertava motores e raspava a sujidade do chassis.

— No serviço automóvel — disse ela —, chamamo-nos *les chauffeurs*.

A Lewis gostava de observar os franceses quando passava no *Ford*.

— Nunca viram uma mulher a conduzir, não acham que seja natural. Olhos esbugalhados! Queixos caídos! É demasiado chocante! — disse ela, e rimo-nos. — Entre as velas de ignição cheias de óleo e a falta de água quente, as minhas unhas estão pretas. A minha querida mãe, a melhor anfitriã de Filadélfia, ficaria horrorizada!

A Lewis levantou as mãos, envoltas numas dispendiosas luvas de pelica. Instintivamente, escondi uma área desgastada nas minhas luvas de lã. A maior parte das *cards* eram como a Lewis, voluntárias abastadas que pagavam as suas próprias despesas, enquanto eu recebia um salário e me cobriam todos os custos, como as aulas para aperfeiçoar o meu francês e o bilhete de barco. Um uniforme não anulava a diferença entre nós.

Disse-lhe que, como bibliotecária de crianças, as minhas mãos eram ou cor-de-rosa devido aos cortes de papel ou azuis por causa da tinta utilizada para carimbar os livros.

— Que emocionante partilhares os seus conhecimentos com os mais novos — respondeu ela. Receei que estivesse a fazer troça de mim, mas depois acrescentou: — Na infância, tive professores de Francês e Latim. Depois da faculdade, o meu pai negou-me a autorização para procurar emprego.

De repente, senti pena de uma herdeira.

— E o trabalho de tradução? — perguntei. Podia ser feito em casa.

— O meu pai disse que os meus conhecimentos se destinavam ao meu futuro marido. Esperava que eu escolhesse um dos seus funcionários, jovens corretores da Bolsa, como noivo.

— A minha mãe fazia o mesmo. Na missa, havia um desfile constante de pretendentes no nosso banco.

— É o suficiente para uma rapariga se tornar atea!

Ri-me.

— Nunca culpei Deus por isso. E nunca descobri onde é que a minha mãe conseguia desencantar tantos solteirões.

A verdade é que eu queria sustentar-me e estava satisfeita com a minha carreira. No entanto, estava pronta para um desafio e ansiava por ver caras novas. E talvez houvesse coisas que estava preparada para deixar para trás. Eu e a Lewis tivéramos uma educação diferente, mas ali estávamos nós, na mesma estrada acidentada, duas *cards* com o objetivo de ajudar os aldeões franceses.

A tristeza da terra entranhou-se em nós. O resto da viagem pareceu-nos um funeral; eu e a Lewis permanecemos em silêncio para prestar homenagem aos mortos. Ela manteve os olhos nos sulcos da estrada enquanto avançámos, durante uma hora de vazio.

Quando começou a chover, ela disse:

— Espero que tenhas trazido galochas. Este chuvisco tem sido praticamente constante, e a lama tomou conta de tudo.

Enquanto pisava na embraiagem para de seguida reduzir a velocidade, eu olhava para as suas botas de camurça com botões que lhe assentavam como uma segunda pele, fabricadas especialmente para ela, como era óbvio. Eu calçava umas botas de trabalho sem forma — o único tipo que podia pagar. Estaria eu a trocar uma chefe difícil por *socialites* mimadas?

— As outras *cards* são de trato fácil? — perguntei.

— Na sua maioria, as raparigas são simpáticas e trabalhadoras. Quanto à menina Morgan e à Dra. M. D., é assim que chamamos à presidente do CARD, a Dra. Anne Murray Dike,

dirigem a unidade de forma bastante rígida. Quando uma recém-chegada se deixou ficar na cama até às dez da manhã, a Dra. M. D. mandou-a de volta para Boston.

O mal-estar apoderou-se de mim face à ideia de ser descartada como uma lâmpada defeituosa. A minha chefe diria: *Eu bem te disse*.

— Depois, há a rapariga que não conseguiu aguentar — continuou a Lewis. — Passadas duas semanas, fugiu para o Ritz.

Perguntei-me porque teria desistido. Não seria totalmente fluente em francês? Ou teria sido dominada pelas saudades de casa? Eu assinara um contrato — dois anos sem ver a minha irmã e a minha mãe. Em que estaria eu a pensar? Estava tão ansiosa por me encontrar em França que não pensara que o trabalho significava deixar para trás a família.

— Chegámos — disse Lewis. — Rue de Picardie.

Entrámos ao anoitecer na aldeia de Blérancourt, devastada pela guerra. A luz a desvanecer-se não encobria as ruínas de uma casa de pedra. Sob o que restava do telhado, uma adolescente de nariz empinado e tranças, empoleirada num monte de escombros e debruçada sobre um livro. Estava tão absorta na história que não se apercebeu dos feixes dos nossos faróis.

— É a Marcelle Moreau — disse a Lewis. — No que resta da casa dela. Agora vivem numa pedreira. O pai morreu no campo de batalha. Enquanto a mãe trabalha como lavadeira e costureira, a Marcelle cuida dos três irmãos traquinas. A *Madame* Moreau não lhe dá um momento de paz.

— Os livros podem ser esse momento. — Ajudar crianças como aquela era a razão pela qual eu ali me encontrava. Tinha de descartar os meus receios de ser inadequada. — Podes apresentar-nos?

— Posso tentar. — Lewis abrandou o carro. — Ela normalmente foge.

Vasculhei dentro da minha mala e escolhi *Ana dos Cabelos Ruivos*, uma leitura de conforto que estava a tentar fazer em francês. Ana... «lembrava-se sempre da beleza prateada e pacífica

e da calma perfumada daquela noite. Foi a última noite em que a tristeza tocou a sua vida; e nenhuma vida volta a ser exatamente a mesma depois de ter sido afluída por aquele toque frio e santificante». Tive a sensação de que a rapariga compreenderia. Da janela do *Ford*, ofereci-lhe o romance, como se fosse uma cenoura para o *Cavalo Preto*. Ela pegou nele avidamente.

— Queres mais alguns? — perguntei em francês.

— A minha mãe disse-me para não falar com as mulheres-demónio!

*Diablasses*. Reprimi uma gargalhada. Sentia-me lisonjeada — nunca ninguém me considerara uma má influência.

— Adoro ler, como tu. Sou a nova bibliotecária.

Ela inclinou a cabeça.

— Mentira! Toda a gente sabe que os bibliotecários são do sexo masculino.

— Os tempos estão a mudar — disse-lhe eu.

— Aqui não. — A Marcelle avaliou a Lewis de alto a baixo. — A mãe diz que só as meretrizes fumam ou usam o cabelo curto.

— Mas é aceitável que os homens fumem e vão ao barbeiro? — perguntei e, sopesando as minhas palavras, a Marcelle roeu a ponta da trança. — Pensa bem na diferença entre esses dois padrões morais — acrescentei.

— Vem ter comigo quando perceberes que é injusto — disse a Lewis. — Eu ensino-te a *chauff*.

Livros e aprender a conduzir — quem poderia resistir a uma oferta tão tentadora? A Marcelle aproximou-se de nós.

— Mandei-te ao poço para encheres os baldes — ouvimos uma mulher gritar. — Quantas vezes te disse para não incomodares as *dames américaines*?

De olhos arregalados, a adolescente desatou a correr.

— Não deveríamos ir atrás dela? — perguntei à Lewis.

— Nem pensar. Até eu me sinto intimidada pela mãe da Marcelle.

Enquanto o *Ford* deslizava sobre as pedras da calçada, a Lewis apontou para a Câmara Municipal, um edifício de dois andares que acolhia a biblioteca do município. Por milagre, as quatro paredes estavam intactas. Instintivamente, dei uma palmadinha na mochila, onde guardava o projeto da biblioteca infantil. Mal podia esperar para o partilhar com menina Morgan. O meu pai achava que as primeiras impressões eram duradouras. Queria provar que ela fizera a escolha certa ao contratar-me.

A nossa sede — um castelo demolido — apareceu diante dos nossos olhos. Apenas uma parte permanecia intacta. O brilho dourado das janelas do rés do chão acenava-nos. Atravessámos a ponte de pedra e o fosso seco, passando por um bosque de abetos espinhosos. Nunca me senti tão feliz por ver árvores. Como escreveu Willa Cather, «As árvores eram tão raras naquele país, e tinham de lutar tanto para crescer, que costumávamos ansiar por elas e visitá-las como se fossem pessoas». Continuámos através do arco do grande portão de arenito até uma aldeia composta por cabanas de madeira prefabricadas com telhados de estanho. A Lewis apontou para a garagem, para o mercadinho onde os aldeões compravam artigos a preços reduzidos e para uma clínica. Seis das alas tinham quartos; a sétima, chamada *edifício-sede*, era um centro comunitário onde se serviam as refeições. Estacionou em frente à estrutura do castelo que ainda se encontrava de pé. Ao luar, o alto castelo de arenito assemelhava-se a um vestido de noiva de cetim; as ruínas de entulho estendidas ao seu lado faziam lembrar uma cauda de renda.

Quando saímos do *Ford*, um *terrier* rodopiou à volta da minha saia.

— Olá, rapazote — disse eu.

A Lewis explicou que, durante os bombardeamentos, os animais de estimação haviam sido separados dos seus donos e agora vagueavam pelas ruas, em busca de comida e afeto.

— Todas nós temos cães e todas temos pulgas — acrescentou alegremente.

Enquanto afagávamos a cabeça do cão, a Lewis pôs-se em sentido, como um soldado à espera que lhe dissessem: *À vontade*.

— São as duas Annes — sussurrou ela.

Observei o duo a sair pela imponente porta de carvalho do castelo e reconheci Anne Morgan das fotografias dos jornais. Poderia ter-se lido sobre ela nas páginas da sociedade — onde passara o inverno e que duque pedira a sua mão em casamento. Em vez disso, os artigos de primeira página descreviam a sua defesa das mulheres trabalhadoras, desde a luta por melhores salários e condições mais seguras até férias remuneradas. Ela e as suas amigas da alta sociedade faziam piquetes nas ruas de Manhattan com os trabalhadores pobres das fábricas de vestuário, sabendo que, aonde os ricos fossem, os jornalistas os seguiam com as câmaras.

Hoje em dia, os artigos sublinhavam os seus esforços em França. Quando a guerra eclodira, em 1914, Anne Morgan abriu a sua *villa* em Versalhes aos soldados em convalescença. Em 1916, fora tesoureira do American Fund for the French Wounded. Em 1917, o general Pétain autorizara-a, com mais nove mulheres, a instalar-se em Blérancourt para ajudar os civis.

Nessa noite, os caracóis grisalhos de menina Morgan escapavam do seu chapéu do CARD, inclinado para o lado. Usava uma camisa branca engomada e uma gravata preta com o uniforme. Os olhos eram ferozmente inteligentes, e o queixo afigurava-se ligeiramente levantado, como se estivesse habituada a travar uma batalha. Ao seu lado vinha a Dra. Anne Murray Dike.

Segundo a Lewis, a escocesa também era uma força da natureza. Depois de estudar Medicina no Canadá, a Dra. M. D. casara-se com um professor de Boston. Mais tarde haviam-se separado; alguns associaram os motivos do divórcio à menina Morgan. As duas Annes eram inseparáveis.

Enquanto a menina Morgan era robusta, a Dra. M. D. era alta e esbelta. Ondas de cabelo louro-acobreado emolduravam-lhe o rosto oval. Fixou-me com um olhar pensativo.

— Bem-vinda, Carson. — A voz da menina Morgan era baixa e autoritária. — Enquanto trabalhávamos, estivemos de olho na janela. Queríamos ser as primeiras a cumprimentá-la. Como foi a viagem?

Olhei de soslaio para a Lewis, esperando que ela contasse o meu passo em falso no terreno. A minha chefe deliciava-se a apontar os meus erros.

— Sem sobressaltos — respondeu a Lewis com naturalidade.

— Como se está a aguentar? — perguntou-me a menina Morgan. — Lembro-me da primeira vez que passámos de carro por toda a devastação. É bastante perturbador.

Naquele momento, eu deveria ter dito alguma coisa. *Aqueles quilómetros foram uma visão dilacerante? Prazer em conhecê-la? Adoraria mostrar-vos os meus planos?* Incapaz de decidir, só me apercebi de que criara um silêncio desajeitado quando a menina Morgan disse:

— Proponho uma bebida restauradora.

Sem saber se o convite era uma simples fórmula de delicadeza, virei-me para a Lewis, que sorriu.

— Vamos!

Eu e o *terrier* seguimos as *cards* até ao castelo, ansiosas pelo início do próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### JESSIE CARSON

*Blérancourt, janeiro de 1918*

Um castelo em ruínas. Uma lareira a brilhar. Uma secretária francesa em talha dourada. *Quando costumava ler contos de fadas, imaginava que este tipo de coisas nunca acontecia, e agora ali estava eu, no meio de um.* Senti-me como a Alice no País das Maravilhas, embora tendo por companhia um *terrier* cinzento em vez de um coelho branco. Ao observar o tapete turco e a mobília antiga, preocupei-me com o facto de as pernas delicadas das cadeiras darem excelentes brinquedos para roer.

— Devo deixar o cão lá fora?

— Para quê, por Deus? — respondeu a menina Morgan.

Instalei-me juntamente com a Lewis no divã de veludo, e o *terrier* aninhou-se aos meus pés. A Dra. Murray Dike sentou-se afetadamente na cadeira Luís XIV, perto da menina Morgan, empoleirada na sua secretária. Uma assistente serviu *ratafia*, e a Dra. M. D. ergueu o copo.

— À chegada segura da Carson.

As outras seguiram-na, mas eu deixei-me estar com o braço no ar, paralisada. Fiquei a olhar para a menina Morgan, uma mulher que não só desafiava a sociedade de elite como a reformulava.

Certamente habituada a que as pessoas a admirassem, ela sussurrou:

— Experimente. — E eu beberiquei o vinho doce. Ela estendeu a sua cigarreira de madrepérola na minha direção. Recusei, mas a Lewis acendeu um cigarro e inspirou profundamente. A menina Morgan lançou baforadas de fumo do seu cigarro

como se fosse um cachimbo. Depois de horas no carro, suspirei e deliciei-me com as almofadas macias e imóveis. A Lewis informou as duas Annes sobre uma reunião no armazém do CARD em Paris, onde algumas *cards* haviam encontrado as sementes que os agricultores tinham pedido, bem como giz e lousas para os alunos.

A Lewis apagou o cigarro.

— Tenho de me certificar de que a *Bessie* está em boa forma para as voltas de amanhã.

— A *Bessie*? — perguntei.

— A carrinha *Ford*. — A Lewis despediu-se de mim com um aperto reconfortante no meu ombro.

— Tenho a certeza de que se manteve *au courant* acerca da guerra — disse-me a menina Morgan. — No entanto, como esta região estava atrás das linhas inimigas, os jornais não conseguiram transmitir o que aconteceu.

Explicou que, no outono de 1914, os campos e as cidades do Nordeste de França se tornaram campos de batalha. Durante a retirada das forças aliadas, os habitantes — principalmente mulheres e crianças, uma vez que os homens estavam a combater com o exército francês — haviam fugido ou permanecido no local. Começara então uma ocupação brutal por parte dos soldados alemães. Algumas mulheres francesas haviam sido detidas e enviadas para a Alemanha, onde foram brutalizadas como prisioneiras de guerra. As que permaneceram foram obrigadas a executar trabalhos extremamente penosos. Sem gado ou tratores, as francesas substituíram os bois que ajudavam a semear o trigo. Crianças de apenas quatro anos apanhavam batatas durante doze horas por dia e sofriam de desnutrição, doenças de pele e desvios na coluna vertebral. Um rapaz viu a mãe ser morta à sua frente por uma bomba lançada por um avião inimigo.

— Há crianças que nós nunca vimos sorrir — acrescentou a Dra. M. D. — Com tudo aquilo por que passaram, não sei se sabem como o fazer.

— Oh — foi o som desolado que me escapou dos lábios. As palavras eram a minha vida, mas agora não tinha nenhuma. O meu coração condoía-se pelas famílias e por tudo o que haviam sofrido. Só me apercebi de que enrolara o lenço do meu pai numa bola dentro da mão quando o focinho do *terrier* me roçou nos nós dos dedos. Os cães pareciam saber sempre quando era preciso consolo.

Após três anos de guerra, os Aliados haviam recuperado aquele território; no entanto, o exército alemão em retirada destruíra casas e deixara um rasto de campos armadilhados à sua passagem. A igreja, a escola e as casas ficaram em ruínas. Ninguém dispunha de um teto intacto sobre a cabeça. Todo o tipo de papel — simples, alcatroado, oleado — fora utilizado para tapar os buracos feitos pelas metralhadoras. A reconstrução das casas e a limpeza dos terrenos agrícolas continuaram a ser a prioridade do CARD. Se as famílias não conseguissem ganhar a vida ali, não regressariam.

Mesmo com as bombas inimigas ainda a cair a sessenta e cinco quilómetros de distância, a terra estava a ser liberta do arame farpado e dos projéteis por explodir; as trincheiras eram tapadas com terra; as carcaças de animais removidas; os despojos mortais de soldados e civis mortos transferidos para cemitérios. Os habitantes das aldeias viviam em pedreiras, estábulos, casas de terra ou nos escombros das suas próprias casas. Não conseguia imaginar ter de desenterrar corpos, enfrentar o perigo de ir pelos ares enquanto plantava os campos, perder a minha casa, embora soubesse o que era começar de novo.

Bebi o *ratafia* enquanto assimilava as duras realidades que os franceses enfrentavam. O que é que isto significava para a biblioteca que eu fora contratada para criar?

— Desculpe, Carson — interveio a Dra. M. D. — Tendemos a falar demasiado.

— Mas temos boas notícias — disse a menina Morgan. — No outono passado, o CARD contratou professores. Depois

de três anos intermináveis de ocupação, as crianças estão de volta à escola.

Acenei com a cabeça, tranquilizando-me com o facto de os mais novos terem regressado à sua rotina.

— A escola e a leitura são importantes — disse a Dra. M. D. —, no entanto, o trabalho da biblioteca poderá ter de esperar.

— O quê? — perguntei.

Uma *card* entrou a correr e parou em frente da menina Morgan. Um colar de pérolas afluava as lapelas do seu uniforme.

— Onde é que ela está? A Lewis disse que ela estava aqui.

— Sim, Breckie, a Carson chegou finalmente — respondeu a menina Morgan a sorrir.

— Chegaste mesmo a tempo, as nossas estantes estão completamente vazias. — A Breckie falou num tom aveludado. O cabelo prateado emoldurava-lhe as faces rechonchudas. Tinha a minha idade, mas a mesma energia alegre da Lewis. — Diz-me que trouxeste os romances mais recentes!

— Todos os que consegui enfiar na mala. — O seu pedido fez-me gostar dela imediatamente. Sempre tive amigas que também liam.

— Sou enfermeira. O meu nome é Mary Breckinridge, mas a Anne — fez um gesto para a menina Morgan — diz que o meu apelido é um bocado complicado para os franceses, por isso toda a gente me chama Breckie.

— A nossa recém-chegada parece um pouco assoberbada — disse-lhe a Dra. M. D. — Porque não a ajuda a instalar-se?

— Mas o que queria dizer com adiar o trabalho na biblioteca? — perguntei.

— Falaremos disso mais tarde — assegurou a menina Morgan enquanto me conduzia para fora da divisão.

Eu e o *terrier* seguimos a Breckie até um pré-fabricado onde eu ocuparia um dos quatro quartos. Lá dentro, encontrei uma cama de solteiro, um toucador com um jarro de água e um lavatório,

uma vez que não havia água corrente, além de um ramo de flores secas no invólucro de cobre de uma bomba. Ao reparar na minha surpresa, a Breckie disse:

— Aqui, nada se desperdiça.

— Bem, se conseguem transformar armas mortíferas em arranjos florais, sinto que estou em boas mãos.

— Estás.

Enquanto falávamos, o *terrier* olhava alternadamente para a Breckie e para mim, acompanhando a conversa.

— Parece que este cão perspicaz já te adotou — disse ela. — Que nome lhe vais dar?

Contemplei os seus olhos sábios e os seus bigodes espessos.

— *Max* — disse eu, e ele abanou a cauda.

Nesse momento, a Lewis entrou a arrastar a minha mala de viagem.

— O que tens aqui dentro? Pedras?

— Livros — respondi.

— É a mesma coisa — disse ela com uma piscadela de olho brincalhona.

— Vamos deixar-te descansar — disse a Breckie. — A Cookie toca a campainha para o jantar às sete.

*Max* observava-me enquanto eu guardava as minhas camisas de noite de flanela na gaveta e pendurava os vestidos no roupeiro. *Armoire*, em francês. Francês. Meu Deus do céu, *le bon Dieu au paradis*, eu estava em França. *En France*.

— Acreditas nisto? — perguntei-lhe.

Ele lambeu-me os dedos em resposta.

Coloquei *Minha Antonia*, *O Conde de Monte Cristo* e *Ana de Avonlea* na mesa de cabeceira. Mantive as minhas pessoas preferidas por perto — era impossível dormir sem elas.

Inquieta, peguei numa caneta, com a intenção de escrever à minha irmã. Com a diferença horária, imaginei a Mabel na sua hora

de almoço, longe da secretária e dos olhos do capataz. Imaginei-a em casa com a mãe, a aquecer o guisado no fogão, a esconder as cenouras e os alhos-franceses no caldo espesso para que a mãe os comesse. No alpendre, de manhã cedo, uma semana antes da minha partida, preocupara-me com a Mabel. Os meus dedos entrelaçaram-se como culpa e amor, como medo e esperança, como eu e a Mabel. Ela insistiu para que eu zarpasse. *Pensas em todos menos em ti*, insistiu ela. *Disseste que esta é a tua vocação. Tens de ir*. Já tinha tantas saudades dela.

Mergulhei a caneta no tinteiro. «Querida Mabel, já cá estou! Desfazer as malas torna-o oficial. Nos próximos dois anos, serei a bibliotecária da Terra de Ninguém...»

Perdi a noção do tempo, sobressaltando-me quando a campainha do jantar tocou. No edifício-sede, o fogo acenava na lareira. As *cards* reuniam-se em quatro mesas redondas, cada uma com cinco pratos de barro. Várias eram jovens como a Lewis, uma estudava o seu reflexo na parte de trás da colher, outra aplicava uma camada de batom. Outras ainda estavam mais perto da minha idade. Seriam todas ricas ou haveria algumas a receber um salário como eu? Esperei por uma oportunidade, mas, entretidas a conversar, nenhuma reparou em mim. Senti-me uma estranha, como se estivesse a espreitar por cima de um livro enorme que me separava delas.

Breckie, a enfermeira, acenou-me e deu uma palmadinha na cadeira vazia ao seu lado. Enquanto eu atravessava o mar de azul-celeste para me juntar a ela, à Lewis e às duas Annes, ouvi uma *card* resmungar: «Porque é que *ela* se senta na mesa principal?»

Mesmo na guerra, numa organização de ajuda humanitária, não se podia escapar à hierarquia da vida. A cena social de Manhattan estava repleta de herdeiras e esposas de milionários. Uma bibliotecária nunca seria convidada.

No meio do barulho, a Dra. M. D. bateu palmas três vezes, como uma professora a chamar a atenção dos alunos. As conversas

cessaram. Pediu-me que me apresentasse, e vinte *cards* olharam para mim com expectativa. A minha boca ficou seca, tal como o meu cérebro. O que poderia eu dizer? Que falava de personagens de livros como se fossem amigos? Que, embora a minha chefe se recusasse a permitir a presença de *O Feiticeiro de Oz* na prateleira da biblioteca, o cenário que eu desejava explorar era o da Cidade das Esmeraldas? Que a minha escritora preferida era Willa Cather, porque, como ela, eu compreendia a beleza das planícies, a beleza das coisas simples?

— Recebi a minha formação na Carnegie Library School. Trabalhei em Pittsburg durante sete anos; em Tacoma, Washington, como diretora do departamento infantil, por mais sete; e depois em Nova Iorque. — Ainda não estava pronta para falar sobre esse período.

— C'um diabo! — disse a Lewis. — Trabalhaste nas duas costas. Até eu vir para cá, os meus pais quase não me deixavam ir a lado nenhum. És muito corajosa.

— Não mais do que vocês — disse eu.

— Uma exploradora! — exclamou a Breckie. — Como o pioneiro, o Kit Carson, o herói dos meus romances preferidos.

— Que tal chamarmos-te Kit? — perguntou a Lewis.

Nunca tinha tido uma alcunha, e Kit soava-me mais amigável do que Carson. Sentindo-me tímida por ser o centro das atenções, só consegui acenar com a cabeça.

A menina Morgan tirou um pregador de estanho do bolso. Reparei então que as outras usavam um igual.

— É um grifo — disse ela —, o nosso emblema.

O animal mítico — metade leão, metade águia; um símbolo de sabedoria e coragem — adequava-se ao grupo. Quando a menina Morgan mo prendeu na lapela, empertiguei-me. De todos os candidatos à biblioteca, ela escolhera-me a mim. Eu haveria de arranjar maneira de fazer a diferença. *Os livros são pontes*, dissera-me o meu pai quando eu era criança. *Mostram que*

*estamos ligados*. Agarrei-me ao seu lenço, no bolso, percorrendo a costura das suas iniciais. *SC*, de Samuel Carson.

— À nossa *Card* da Biblioteca! — disse a menina Morgan.

Todas levantaram os copos.

— À Kit! — disse a Lewis.

— És uma de nós — disse a Breckie.

Eu sabia que estava a corar. À exceção da hora do conto, quando os olhos das crianças se encontravam pousados em mim, estava habituada a ser invisível.

O ranger das dobradiças anunciou o jantar quando a cozinheira abriu a porta com o traseiro. O avental estava frouxamente atado à volta da sua cintura de vespa; o cabelo de um louro quase branco, arranjado num penteado; bandejas de prata na mão. Que estranho a primeira impressão de alguém ser o seu traseiro. (A única outra ocasião que a tivera fora quando chegara tarde à sinfonia, com o maestro já em plena atuação.) Ela rodou sobre os calcanhares e gesticulou para que duas assistentes servissem pratos com ovos recheados, couve-flor cozida em molho bechamel e legumes escaldados em cada uma das mesas. O aroma cremoso fez-me crescer água na boca.

A cozinheira olhou para mim.

— Uma rapariga nova?

— Jessie Carson, bibliotecária emprestada pela Biblioteca Pública de Nova Iorque — respondi.

— Emprestada como um livro?

— Sim, mas por dois anos, não por duas semanas.

— Também sou de Nova Iorque. Elizabeth Jones. Toda a gente me chama Cookie. Bem-vinda — disse ela antes de passar à mesa seguinte.

Enquanto a menina Morgan punha couve-flor no meu prato, falou acerca a sua última viagem a Manhattan, onde atraía a Cookie para longe da casa do seu mais dileto inimigo.

— Essa é uma das suas maiores proezas — disse a Breckie.

— Junte-se a nós, Cookie — pediu a menina Morgan. — Contratei-a para supervisionar a cozinha, não para lavar o raio das panelas.

A *card* das Receitas limpou o suor da testa com as costas da mão, deixando nela uma mancha de farinha.

— Demasiadas coisas para fazer — declarou. As assistentes seguiram no seu encaço até à cozinha, como damas de companhia.

Parece que alguém *conseguiu* dizer não à formidável menina Morgan.

Servi-me da couve-flor. A colherada derreteu-se na minha boca. O paraíso.

— Irá acompanhar algumas das *cards* durante um dia de trabalho para conhecer melhor o local e o nosso papel aqui — disse a Dra. M. D. — Uma visita ao domicílio com a Breckie e uma ida ao mercadinho com a Lewis.

— Que tipo de coisas vendem? — perguntei.

— Tudo, de beterrabas a ovos, passando por ancinhos de jardim e próteses — respondeu a Lewis.

Fez-se uma pausa inquietante. Num momento, as *cards* mastigavam como se estivessemos de volta a casa e, no instante seguinte, mergulhámos no silêncio. Ao longe, conseguia ouvir o barulho dos bombardeamentos na linha da frente. Engoli em seco. Olhando em redor, perguntei-me se as outras estariam assustadas, ou pelo menos nervosas, mas nenhuma parou de comer.

— Atualmente — disse a menina Morgan —, andamos a «galinhar» esta região. Estamos a encomendar galinhas suficientes para que as pessoas tenham ovos e a resolver disputas enquanto os aldeões discutem a hierarquia. Uma presidente da Câmara e uma condessa quase se desentenderam por causa de um galo.

A menina Morgan era magistral — com as provações e tribulações da «galinhação», voltámos ao ambiente de galhofa.

— *Madame, madame!* — Marcelle Moreau, a adolescente de há pouco, entrou de rompante na sala, com uma lanterna na

mão, e passou por entre as mesas até encontrar a Breckie. — *Mon petit frère!*

— *La fièvre?* — disse a Breckie colocando a palma da mão na testa como se estivesse a ver a febre.

— *Oui* — respondeu a Marcelle, arfando. Devia ter vindo a correr.

— *Tenez.* — Ofereci um copo de água à rapariga, que ela bebeu de uma assentada.

— Deve ser grave, para a *Madame* Moreau estar a pedir ajuda — disse a menina Morgan.

Claramente habituada a estar de serviço, a Breckie tirou uma mochila preta de debaixo da cadeira. Explicou que não havia mais pessoal médico por perto e perguntou-me se poderia ajudá-la. Eu estava com medo, e não só das bombas a cair. Estava com medo de não ser grande ajuda.

— Podes enfiar o dedo do pé no lago e tremer, dizendo que não estás preparada — encorajou-me a Breckie —, ou saltar lá para dentro. As pessoas daqui precisam de ajuda, e nós temos de a providenciar.

Toquei no meu alfinete. O grifo era um símbolo de ação rápida. *Há coisas que se aprendem melhor na calma, outras na tempestade.* Eu partira para o norte de França para ajudar, e era exatamente isso que tencionava fazer.

Vestimos os casacos e seguimos a Marcelle noite adentro, deixando para trás as ruas empedradas da aldeia e continuando por um caminho. Não era apenas a chama ténue das nossas lanternas que nos iluminava os passos. Os obuses assobiavam e subiam, iluminando o céu, e depois rebentavam com um estrondo aterrador. Ao longe, as chamas erguiam-se, e um cheiro a queimado dilacerava o ar. Parecia que, a qualquer momento, podíamos ser atingidas. Para afastar o medo da mente, concentrei-me em não tropeçar enquanto corríamos pelos quinze minutos de viagem até

um penhasco escavado pelo homem. A Marcelle desceu por uns degraus de madeira irregulares, depois levantou a lanterna para iluminar o caminho enquanto avançávamos por um poço de arenito cheio de pedras, com uma porta de lata cravada na parede alta de terra. Lá dentro, ouvi uma criança chorar. Entrámos numa gruta húmida e negra como breu. A Marcelle levava a lanterna para encontrar o caminho, o que significava deixar a mãe e os três irmãos mais novos sem luz.

Eu e a Breckie cumprimentámos a *Madame* Moreau, que embalava o filho inquieto. Tal como a Marcelle, tinha cabelo escuro e estava de luto.

— Foi de repente. — Parecia prestes a chorar. Apesar de compreender o francês, tive dificuldade em acompanhar a lista dos sintomas do filho que ela ia recitando. — Quente... muito quente... vômitos... choro... não dormir.

A Breckie deu uma palmadinha no braço magro do menino. Parecia ter três anos de idade.

Os meus olhos adaptaram-se ao espaço escuro. Para além do fogão, havia uma mesa de cozinha cheia de pratos e paletes no chão. Dois livros infantis encontravam-se em cima de uma das almofadas. O espesso telhado de terra abafava o som do bombardeamento, e deixei de recear pela minha vida para recear por aquela família. Sabia em primeira mão a rapidez com que as febres levavam os entes queridos. No domingo, o meu pai estivera bem. Na sexta-feira, desaparecera. Pneumonia.

A Breckie examinou o rapaz. Estaria ele vermelho de febre ou de choro? Rezei para que tivesse muitas aventuras pela frente. *A Ilha do Tesouro. Volta ao Mundo em Oitenta Dias.*

— Se o Maurice chorar, é bom — explicou a Breckie. — Significa que tem força vital. Se ficar apático e deixar de chorar, será motivo para nos preocuparmos.

Fez um gesto para uma banheira de ferro fundido, e eu enchi-a com água fresca do balde. Molhámos os membros do

Maurice antes de lhe mergulhar o corpo. A Breckie movia-se com destreza, como se tivesse feito aquilo milhares de vezes numa pedreira húmida. O Maurice chorou ainda mais alto. Os outros dois irmãos da Marcelle esconderam-se nas pregas da sua saia, e ela abraçou-os. A *Madame* Moreau contorcia as mãos com tal força que a pele estava branca.

— Cante para ele — pediu a Breckie. — Ouvir a sua voz vai ajudar.

A senhora cantarolou o *Frère Jacques*, e a Marcelle e os irmãos juntaram-se a ela. O Maurice esperneou, primeiro com raiva, depois lentamente, até se acalmar e arrulhar para nós. Parecia terem-se passado horas. O frio da pedreira perpassou-me o casaco até aos ossos.

Olhei de relance para a Breckie, na esperança de um prognóstico positivo.

Ela apalpou-lhe a testa.

— Melhor — declarou.

Secámos o Maurice e enrolámo-lo num cobertor macio.

— Durma um pouco — disse ela para a *Madame* Moreau. — Precisa de descansar.

— *Merci* — respondeu ela e depois olhou para a filha. — Eu disse à Marcelle para não vos incomodar, meninas. Ela nunca me dá ouvidos!

— Não foi incómodo nenhum — disse a Breckie.

— Estou a ensinar os meus filhos a serem autossuficientes.

A *Madame* Moreau fez-me lembrar a minha mãe — nunca sejas um fardo, não incomodes ninguém, não é digno de uma senhora, é melhor ser vista a ser ouvida. A Marcelle observava-nos atentamente. O que apreenderia daquela noite?

— Uma das lições mais importantes que as crianças podem aprender é saber quando devem desenhencilhar-se sozinhas ou quando pedir ajuda. — Olhei para a mãe, mas as minhas palavras eram para a Marcelle.

— Aprendeu essa lição a criar filhos? — respondeu a *Madame* Moreau.

Ao meu lado, senti a Breckie estremecer. Concentrou-se em guardar os instrumentos na mochila, por isso respondi à farpa cravada pela senhora.

— Sei-o por já ter sido jovem.

Curiosa, espreitei em volta para a pedreira, mas não vi o livro que emprestara à Marcelle. Talvez ela sentisse a necessidade de esconder coisas.

— Obrigada por terem vindo, minhas senhoras — disse a mãe. — Mas não era necessário.

— Era absolutamente necessário — respondi. — O vosso bem-estar é importante.

Mais uma vez, senti a Marcelle a observar-nos, como eu costumava observar a minha mãe.

Felizmente, o bombardeamento cessara. Eu e a Breckie regressámos à sede.

— Acreditas que o pequeno Maurice tem quase seis anos? — perguntou ela.

— Seis? Pensei que só tinha três.

— É difícil fazê-lo ganhar peso. A própria *Madame* Moreau é magra, como a maioria das mães da região. Os alemães quase os mataram à fome. Claro que a humidade da pedreira não ajuda, mas, sem outra habitação disponível...

Em Nova Iorque, a menina Morgan pusera a circular fotografias para sublinhar o sofrimento dos civis, mas testemunhá-lo em primeira mão era algo bem diferente. Eu não conseguia falar. As palavras não eram suficientes.

Se as palavras não eram suficientes, o que estava eu a fazer ali? Aquelas pessoas precisavam de mais do que livros de biblioteca. Precisavam de mais do que eu lhes poderia dar.

## CAPÍTULO 3

### WENDY PETERSON

*Nova Iorque, janeiro de 1987*

Imaginem estar rodeados de mais livros do que alguém poderia ler numa vida inteira. Imaginem as possibilidades ilimitadas de histórias, verdades e aventuras. Imaginem proteger esses volumes para as gerações futuras, como elemento da equipa da Memória. É o meu caso.

Às oito da manhã, de segunda a sexta-feira, subo os degraus do metro para a Quinta Avenida, passando entre homens de negócios com fatos às riscas; turistas agarrados a *Canons* enquanto fotografam *drag queens* a caminho de casa depois de uma noite; estudantes sonolentos a correr para as aulas, de mochilas ao ombro; e reformados barrigudos a queixarem-se a caminho da mercearia da esquina. Mesmo depois de viver em Nova Iorque durante seis anos, ainda sinto a energia que vem de milhões de pessoas, paixões e histórias. E, graças ao meu trabalho, tenho acesso ilimitado a material de leitura e não pago taxas devido a atrasos.

O vento desta manhã, mais gelado do que o habitual, é como um escudo pesado contra o qual tenho de lutar para chegar ao trabalho. Felizmente, a biblioteca tem aquecimento, ao contrário do meu apartamento no sexto andar. A fornalha do meu prédio faz barulho e resmunga, mas não está à altura do inverno.

À chegada saúdo a Paciência e a Fortaleza, os leões de mármore manchados de lama que guardam a Biblioteca Pública de Nova Iorque. Ralph Waldo Emerson escreveu «A paciência e a fortaleza conquistam todas as coisas», e desde que comecei

a trabalhar na Biblioteca Pública de Nova Iorque, há dois anos, tem sido esse o meu lema. Não tanto para o trabalho, mais para a minha carreira de escritora.

Perco os corredores sagrados que outras escritoras calcaram antes de mim — Audre Lorde, Ann Beattie e Tama Janowitz. Saber que elas lutaram com as palavras sob os mesmos candeeiros verdes da sala de leitura faz-me sentir que posso vir a ser como elas — uma autora.

Hoje, quando entro na sala dos funcionários, aceno aos colegas de trabalho. A bibliotecária da secção infantil usa sapatos beges e absurdos para correr atrás de crianças pequenas e indisciplinadas; o mais recente diretor de programação tem a cabeça rapada e uma queda por blusões com padrões em *tie-dye*.

— Hoje à noite vai haver um programa incrível. A Paula Austin vai ler — diz. — Deviam vir os dois.

Quando explico que o meu *workshop* de escrita é esta noite, ele não mostra qualquer surpresa; em Nova Iorque há mais aspirantes a escritores do que empregados de mesa.

— Depois de oito horas a dizer aos miúdos para pararem de tirar macacos do nariz, quero ir para casa, levantar as pernas e beber um vinhozinho frutado — resmunga a bibliotecária da secção infantil enquanto guarda a marmita *Tupperware* no cacifo.

— Compreendo — responde o diretor de programação. — Nos eventos noturnos, anseio por perguntas sobre o livro, mas a principal dúvida dos utentes é: «Onde fica a casa de banho?»

É verdade que lidar com o público é mais complicado do que guardar documentos. No Departamento da Memória — é assim que chamamos ao centro de microfílm da cave, onde prestamos homenagem aos queridos (e não tão queridos) desaparecidos —, o meu trabalho é fotografar coleções, desde a correspondência de Zora Neale Hurston às cartas de Beatrix Potter com ilustrações do Peter Rabbit, para as conservar.

Quando descongelo o suficiente para conseguir despir o meu casaco roxo, entra o Roberto, no seu blusão e cachecol de aviador, com uma pilha de clássicos debaixo do braço. Na nossa votação de funcionários, que é levada tão a sério como uma eleição presidencial, já ganhou três vezes o título de bibliotecário mais *sexy*. As sondagens à boca da urna citam os seus «olhos castanhos cheios de alma» e o seu «rabo delicioso».

Segundo os boatos, ele estava em ascensão na hierarquia da biblioteca, destinado a um cargo de topo, quando ofendeu um mandachuva. O incidente envolveu uma tesoura de criança, o casaco de peles de um administrador e uma *Coca-Cola Diet*. O chefe considerou o Roberto um anarquista e proibiu o bibliotecário de trabalhar com o público. Relegado para a Memória, reina sobre as prateleiras cheias de caixas de arquivo. Mantém-se alegre, dá tudo por tudo e trabalha até tarde, exceto quando o chefe aparece para nos ameaçar com cortes orçamentais. Irritado, o Roberto murmura variações como «desmemória».

Apesar da despromoção, adora a biblioteca e acredita na missão da Memória de garantir que o passado é guardado para a posteridade. Contudo, de vez em quando, há clientes confusos que chegam à orla da cave e pedem indicações para a sala de leitura. O Roberto acompanha-os sempre ao andar de cima. Um sorriso de arrependimento ilumina-lhe o rosto, e percebo a sua tristeza por causa do que perdeu.

No *bunker* fluorescente, doze de nós, jovens de vinte e poucos anos, entram e saem. Quando os atores conseguem papéis, é o fim das suas funções na Biblioteca Pública de Nova Iorque. Durante a semana de exames finais, o local fica morto. O Roberto é a única constante. Cada um de nós tem uma secretária com uma câmara montada junto a uma caixa de arquivo. Tiramos um documento, fotografamo-lo e depois colocamo-lo de cabeça para baixo. Repe- timos conforme necessário. Quando terminamos, passamos ao próximo. Alguns temas são mais interessantes do que outros.

Quando soube que sou fascinada por «história das mulheres», o Roberto orquestrou um jogo de fachada em que troca as caixas de arquivo que apresentam homens mal-encarados com chapéus de coco (e os relatórios financeiros que os acompanham) para garantir que eu fico com as sufragistas, as *flappers* e The Bar-bizon. Adoro-o por isso.

Se o Roberto fosse um livro, a capa do seu blusão de cabedal proclamaria: «Inteligente!», «Curioso», «*Sexy!*». Para o bem e para o mal, sou a sua preferida. Talvez por ser um navio estável no seu mar de barcos intermutáveis. Talvez por entrar no jogo dele. Esta manhã, pendura o casaco ao lado do meu. As nossas mangas roçam, e dou por mim a desejar que os meus dedos afforem os dele. Espreito-o e pergunto-me se ele também gostará de mim. Ando a ver se ganho coragem para o convidar para um encontro. Às vezes, acho que ele também me quer pedir para sair com ele. De acordo com A Arquivista, a equipa continua marcada pela Grande Rutura de 1984, quando duas bibliotecárias namoraram, fugiram e se divorciaram, exigindo depois que os colegas tomassem partidos. Formaram-se facções, seguiu-se uma guerra.

— Categoria, literatura infantil — diz o Roberto à laia de cumprimento. A maneira como olha para mim faz-me sentir como se fôssemos as únicas pessoas na biblioteca. — Pergunta para cem pontos: «Não posso dizer que gostei da vossa última visita. Era óbvio que tinha demasiado na cabeça para prestar atenção ao que eu estava a tentar dizer.»

A melhor parte do meu dia é tentar ser melhor do que o Roberto. Folheio o meu *filofax* mental para descobrir a referência literária.

— *From the Mixed-Up Files of Mrs. Basil E. Frankweiler?*

— Correto — responde ele enquanto nos dirigimos para a Memória. — Para duzentos pontos, na mesma categoria: «Pai, aonde vais com esse machado?»

Um romance poderoso baseado na extraordinária história verídica de Jessie Carson, a corajosa bibliotecária americana que levou livros e esperança a crianças de uma França devastada pela guerra.



**PARIS, 1918.** Enquanto a Primeira Guerra Mundial se desenrola, Jessie Carson tira uma licença da Biblioteca Pública de Nova Iorque para trabalhar no Comité Americano para as Regiões Devastadas, composto por um grupo de mulheres determinadas a reerguer as comunidades francesas destruídas a poucos quilómetros da frente de batalha, no norte de França. Ao chegar, Jessie esforça-se por criar algo que os franceses nunca viram: bibliotecas para crianças. Transforma ambulâncias em veículos de transporte de livros e forma as primeiras bibliotecárias francesas. Depois desaparece.

**1987.** Quando a aspirante a escritora Wendy Peterson se depara com uma breve referência a Jessie Carson nos arquivos da Biblioteca Pública de Nova Iorque, fica obcecada em conhecer o seu destino. Com esse objetivo em mente, descobre que ela e a esquiva bibliotecária têm mais em comum do que o seu trabalho na famosa biblioteca de Nova Iorque, mas não faz ideia de que os seus caminhos vão convergir de forma surpreendente ao longo do tempo.

«Um romance inspirador que celebra a resiliência, a comunidade e a união.»

**BOOKLIST**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895831548



9 789895 831548 >